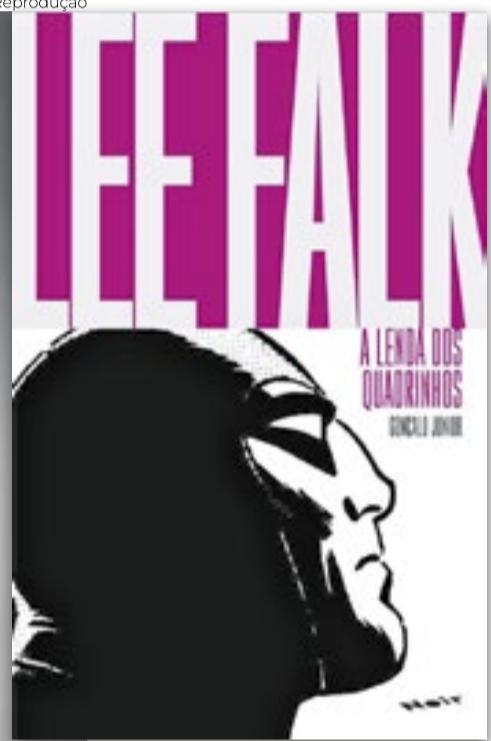


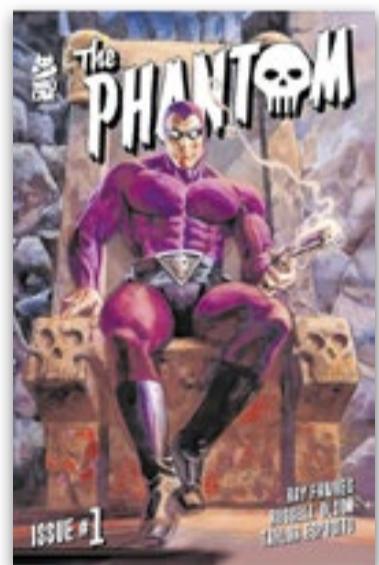
Divulgação



Reprodução



A trajetória de Lee Falk, criador do Fantasma e do Mandrake, ganhou biografia do pesquisador Gonçalo Junior



Em suas primeiras histórias, conforme explica Gonçalo, o Fantasma reproduzia uma visão colonial: era um homem branco que controla povos africanos através do medo, do misticismo e da superstição.

“Com o tempo, Falk reformulou radicalmente esta abordagem. Os africanos — negros, pigmeus, indígenas — deixam de ser figuras ‘primitivas’ e passam a cúmplices conscientes, inteligentes e estratégicos na luta contra o crime, usando deliberadamente a mitologia do Fantasma como arma simbólica”, analisa Gonçalo. “A longevidade do Fantasma assenta na mitologia criada por Falk, a partir da ideia de que o herói nunca morre, mas é uma linhagem que atravessa gerações. Esse conceito de imortalidade, aliado a elementos de magia, terror, medo e ritual, cria um poderoso efeito de encantamento, tanto para aliados como para vilões — e, claro, para os leitores”.

Em seu investimento nos quadrinhos, Falk considerava-se o criador do super-herói nº1, antes do último filho de Krypton voar sobre Metrópolis. Gonçalo conta que ele criou “o modelo moderno da grande aventura seriada”: histórias contínuas, mitologia própria, vilãs femininas, universos persistentes e heróis com legado.

“Antes dele, existiam Mandrake, Flash Gordon, Buck Rogers e a adaptação de Tarzan, mas foi Falk quem organizou esses elementos num sistema narrativo que seria replicado até hoje. Até ao fim da vida, ele reivindicou esse pioneirismo, pois, para ele, Mandrake foi o primeiro super-herói dos quadrinhos, anterior até ao Fantasma”, conta Gonçalo. “Nas suas duas primeiras histórias, Mandrake possuía super-poderes explícitos: transformava vilões em animais, objetos em flores, matéria em ilusão. Falk foi um humanista, um inovador e um visionário. Usou a cultura popular para repensar racismo, poder, mito, identidade e justiça. Criou não apenas personagens, mas mundos simbólicos duradouros. Mais do que o pai de Mandrake e do Fantasma, foi um dos grandes arquitetos da imaginação moderna nos quadrinhos”.

“A longevidade do Fantasma assenta na mitologia criada por Falk, a partir da ideia de que o herói nunca morre, mas é uma linhagem que atravessa gerações”

GONÇALO JUNIOR

a editora Noir lançou um livro obrigatório do pesquisador Gonçalo Junior sobre o pai do Fantasma. Chama-se “Lee Falk – A Lenda dos Quadrinhos” e pode ser comprado no <https://www.editoranoir.com.br/>.

“Lee Falk foi uma figura rara no panorama cultural do século XX. Para lá de HQs, produziu mais de 500 peças de teatro, encenou quase cem e escreveu cerca de 20 textos dramáticos. A sua vida pessoal, intelectual e política é tão densa que, para muitos estu-

diosos, ultrapassa em interesse os próprios heróis que criou”, conta Gonçalo. “Nos anos 1950, Falk tornou-se o primeiro encenador branco e judeu a montar uma peça de Shakespeare com um elenco totalmente negro, num contexto de segregação racial profunda nos Estados Unidos. Foi um ativista empenhado do movimento dos direitos civis, e a sua filha, advogada nos anos 60, teve um papel decisivo na libertação de líderes negros presos durante protestos e ações políticas”.

“Ele foi responsável por denunciar que a autobiografia de Adolf Hitler publicada nos EUA tinha sido manipulada, com a remoção sistemática das passagens de ódio contra os judeus. Há também relatos de que teria sido

Autor do seminal “A Guerra dos Gibis – A Formação Do Mercado Editorial Brasileiro E A Censura Aos Quadrinhos, 1933 A 1964”, Gonçalo conta ao Correio da Manhã sobre o papel de Falk durante a Segunda Guerra Mundial. “Ele foi responsável por denunciar que a autobiografia de Adolf Hitler publicada nos EUA tinha sido manipulada, com a remoção sistemática das passagens de ódio contra os judeus. Há também relatos de que teria sido

um dos primeiros a alertar as autoridades norte-americanas para a existência dos campos de concentração nazistas”, conta Gonçalo. “Falk foi progressivamente reavaliando os elementos racistas presentes nas primeiras histórias que escreveu. Personagens como o príncipe Lothar, inicialmente retratado como um servo submisso de Mandrake, foram reconstruídas para ganhar autonomia, dignidade e complexidade. Esta revisão ética atravessa toda a sua obra”.